

RENATO ALMEIDA

# Folclore



Cabe à CAMPANHA DE DEFESA DO FOLCLORE BRASILEIRO em plano nacional:

a

promover registros, pesquisas e levantamentos, cursos de formação e de especialização, exposições, publicações, festivais;

b

proteger o patrimônio folclórico, as artes e os folguedos populares;

c

organizar museus, bibliotecas, filmotecas e centros de documentação;

d

manter intercâmbio com entidades congêneres;

e

divulgar o folclore do Brasil.

Publicação distribuída gratuitamente  
pelo Centro de Divulgação de Assuntos  
Universitários da Fundação MUDES  
Rua México, 119, 12.º andar, RJ



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS  
PROGRAMA DE AÇÃO CULTURAL

•  
CAMPANHA DE DEFESA DO FOLCLORE BRASILEIRO  
DIRETOR-EXECUTIVO: BRÁULIO DO NASCIMENTO

•  
RUA DO CATETE, 179 - RIO DE JANEIRO - RJ

---

EDIÇÃO EM CONVÊNIO DAC-MEC/FUNDAÇÃO MUDES — PROJETO MUSEUS.

MOVIMENTO UNIVERSITÁRIO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

## FOLCLORE

### CONCEITO, CAMPO E CONTEÚDO

QUANDO a 22 de agosto de 1846, *The Athenaeum*, de Londres, publicava a carta de William John Thoms, propondo que tudo quanto, na Inglaterra, chamavam de *antiguidades populares, literatura popular*, “embora seja mais precisamente um saber popular do que uma literatura, e pudesse ser, com mais propriedade, designado com uma boa palavra anglo-saxônica, FOLK-LORE, saber tradicional do povo”, não fazia ele mais do que batizar estudos que vinham desde tempos imemoriais, mas que se incentivaram no fim do século XVIII.

Referia-se Thoms aos estudos dos “usos, costumes, cerimônias, crenças, romances, refrãos, superstições, etc.” Não só filósofos como Vico, Voltaire, Rousseau tinham chamado a atenção para o sentido fundamental da criação popular, como ainda a coleta dos escritores alemães, Wilhelm e Jacob Grimm, de contos e estórias, para rastrear sua origem, e a ênfase que os românticos deram à poesia e à música populares, tudo isso fez com que a palavra FOLK-LORE, de conteúdo muito rico, contribuisse para a sistematização dos estudos de sabedoria popular.

A palavra não venceu rapidamente; vários países entenderam que deviam ser adotadas outras: a França falou em *oui-dire*, outros em *demologia* e os alemães se mantiveram em *Volkskunde*, embora empreguem várias outras idênticas e mesmo *Folklore*. Mas, afinal, o termo foi aceito universalmente, com as derivações e adaptações mais variadas. A palavra *folk*, com sentido de povo, utilizada em expressões quais — cultura *folk*, *folkways*, *folcmúsica*, homem *folk* etc., e *lore*, com o sentido de sabedoria, dizendo-se *lore* dos pescadores, o *lore* dos esquimós, o *lore* dos Carajá. Em inglês, hoje a palavra é grafada sem o hífen, Folklore, e, em português, tendo desaparecido do alfabeto o *k*, *Folclore*. Como a palavra designa a própria cultura popular e a

disciplina que a estuda, é aconselhável grafar a primeira com *f* minúsculo: *folclore* e a segunda com *F* maiúsculo: *Folclore*.

Vimos que Thoms referiu como campo dessa disciplina nova os usos, costumes, cerimônias, crenças, romances, refrãos, superstições, etc., mas, foi o que se chama *literatura oral* que se tornou de pronto o objetivo do Folclore. Em 1878, porém, quando se fundou em Londres a Folklore Society, adotou-se que fosse o seguinte o sentido da palavra: I — Narrativas tradicionais (contos populares, contos de heróis, baladas e canções, lendas locais); II — Costumes tradicionais (costumes locais, festas consuetudinárias, costumes consuetudinários, jogos); III — Superstições e Crenças (bruxaria, astrologia, superstições e práticas de feitiçaria); IV — Linguagem popular (nomenclaturas populares, ditos populares, provérbios, refrãos e adivinhas).

Mais tarde se afirmou que o "Folclore estuda tudo o que constitui o equipamento mental do povo, desde que distinto da procedência técnica".

O conceito se foi alargando cada vez mais e Andrew Lang, no Congresso Internacional de Londres, em 1891, verificava que, de um pequeno número de assuntos, o Folclore já havia englobado toda vida humana e confessava seu embaraço em responder como e por que difere da Antropologia. Esse ponto de vista já sendo aceito por grandes mestres do Folclore como Saintyves e Sébillot, na França, e Pitré, Itália. Outras opiniões, porém, circunscreviam o Folclore apenas à cultura espiritual, ou, mais precisamente, à literatura oral. Nesse sentido, ainda em 1955, se manifestava o Congresso Internacional de Etnografia, reunido em Arnhem.

A *Carta do Folclore Brasileiro*, aprovada pelo I Congresso Brasileiro de Folclore, no Rio de Janeiro, em 1951, condenou o preconceito de só considerar folclórico o fato espiritual e aconselhou "o estudo da vida popular em toda sua plenitude, quer no aspecto material, quer no aspecto espiritual." Há ainda os que acreditam, como eu, que o Folclore inclui o estudo da cultura material, mas naquilo em que ela se relaciona com a cultura espiritual.

Perdura, pois, o debate relativo ao campo do Folclore, mas, qualquer que seja a tendência adotada, haverá que considerar, mesmo nas restritivas, as implicações que o fato folclórico possui em todo o âmbito da cultura popular, pois é essencialmente interativo.

#### AS LIGAÇÕES COM OUTRAS CIÊNCIAS

Quando a nova disciplina se afirmou, não só o problema de seus objetivos, mas muitos outros se propuseram de pronto aos estudiosos. O Folclore seria um galho de que árvore científica? Desde logo, os his-

toriadores pretenderam enfeudá-lo, como o estudo que marcaria caminhos da História, mostrando as origens das tradições populares. E isso decorre um pouco da própria carta de Thoms, que era um apelo para que se recolhessem "as poucas espigas que ainda restam espalhadas no campo" das "antiguidades populares". George Laurence Gomme, folclorista inglês, em livro famoso — *Folklore as an Historical Science* (1903) — afirma caber aos historiadores considerar o resultado das investigações dos folcloristas nos terrenos onde pode obter a evidência do folclore. Essa tendência, ainda muito viva, inclui o Folclore no vasto campo da Historiografia. É preciso, porém, considerar que o Folclore não é um fato passado, é um fato vivo, presente, em perpétuo vir-a-ser. "Voz atual do presente", deve estudar a cultura popular como existe, na sua mutação contínua. As formas pretéritas serão esclarecedoras apenas ao estudo da sua realidade viva, presente, atual e fluida.

Julgaram os psicólogos que seria o Folclore uma ciência psicológica, já que buscava revelar a alma coletiva dos povos. Giuseppe Pitré criou a palavra *Demopsicologia* para denominar o estudo da vida moral, material e espiritual dos povos civilizados, não civilizados e dos selvagens, portanto, incluindo o Folclore. Wundt adota o termo genérico de *Volkerpsychologie*, síntese da psicologia da consciência individual. Todas as formas, todos os estágios da vida humana até o homem chegar à civilização devem ser estudados sob o ângulo psicológico. O Folclore estuda a mentalidade coletiva, seguindo os princípios da Psicologia Social. Entre nós, João Ribeiro chegou a essas conclusões, interpretando o Folclore como uma psicologia étnica, uma pesquisa no inconsciente dos povos, feita e refeita secularmente. Ninguém negará a inter-relação entre a Psicologia e o Folclore, mas não pode ficar este no quadro das ciências psicológicas; o fenômeno folclórico é cultural e apenas a psicologia não o explica, pois necessita conhecer as condições do comportamento que, conforme observa Murdock, só a Antropologia nos dará.

Não posso deixar de referir a importância que a Psicanálise deu aos estudos de Folclore, corrente que teve no Brasil, como seu principal representante, Artur Ramos. Partindo da interpretação dos sonhos, entendeu Freud que o folclore deve revelar os elementos simbólicos que a favorecem. Esse conhecimento, em suas palavras, "nos vem de várias fontes dos contos e dos mitos, das farsas e facécias do folclore, isto é, do estudo dos costumes, usos, provérbios e cantos de diferentes países, da linguagem poética e da linguagem comum. Nele encontramos em toda parte o mesmo simbolismo dos sonhos que, nessas

inter-relações, sairão desse exame com uma certeza aumentada". Além de admitir a origem onírica de mitos e contos, Artur Ramos, baseado no inconsciente coletivo de Jung, criou o inconsciente folclórico, que irrompe na vida do civilizado. A Psicanálise nos dá um sem-número de interpretações folclóricas, com suas habituais deformações, mas projetando, sem dúvida, luz para a exegese de numerosos fenômenos.

Arnold Van Gennep, uma das maiores figuras do Folclore francês e universal, disse ser o fato folclórico, como fato vivo, de ordem biológica, cujo estudo deveria ser feito dentro dos métodos dessa ciência. Não levou em conta, o mestre, que a Biologia estuda os seres animados e não a inter-relação entre eles. Verdade que, na hipótese em tela, Sociologia e Psicologia, estudando o homem vivo ou que viveu, fazem parte da Antropologia, que é um campo da Biologia, no conceito de Marcel Mauss. Evidentemente, há um exagero claro na tese de Van Gennep.

Pretendem os sociólogos que o fato folclórico seja social e nisso concordam vários folcloristas, como o francês Saintyves, o belga Albert Marinus e o italiano Raffaele Corso, para citar apenas algumas figuras de maior projeção. Entre nós, Gilberto Freyre destacou a importância do estudo do folclore para a Sociologia e do sentido sociológico da pesquisa do material folclórico. Os russos consideram o folclore de caráter nitidamente social. Não há dúvida das feições sociais do fato folclórico por desenvolver-se coletivamente em comunidades e revelar o seu comportamento.

A *Carta do Folclore Brasileiro* considerou com acerto o Folclore como integrante das ciências antropológicas e culturais, da Antropologia Cultural, porque na realidade seu estudo é o do homem, não o homem total, como faz essa ciência, mas em determinados aspectos da sua existência, em determinados setores da vida humana e sobretudo resultantes de determinada realidade. Como a Antropologia, o Folclore se liga à Sociologia, por excelência, à Psicologia, à História, à Geografia, à Lingüística e à Arte. S. Gunther considera o Folclore uma ciência fronteira "formada por uma confluência de outras ciências, elas mesmo muito complexas: as antropológico-históricas, as sócio-psicológicas, a geografia".

O Folclore é, pois, uma ciência ou disciplina autônoma no conjunto de ciências que estudam o homem e seu conjunto social e destina-se a interpretar a cultura *folk*, pela análise de sua estrutura, pela compreensão de seus padrões, pela investigação do material nela recolhido. Só assim definiremos o "caráter universal e eterno" do Folclore, que é afinal uma ciência de interpretação e não apenas descritiva.

## O FATO FOLCLÓRICO E SUAS CARACTERÍSTICAS

A *Carta do Folclore Brasileiro*, aprovada pelo I Congresso Brasileiro de Folclore, reunido no Rio de Janeiro, em 1951, estabeleceu o seguinte conceito de Folclore:

"1. O I Congresso Brasileiro de Folclore reconhece o estudo do Folclore como integrante das ciências antropológicas e culturais, condena o preconceito de só considerar folclórico o fato espiritual e aconselha o estudo da vida popular em toda sua plenitude, quer no aspecto material, quer no aspecto espiritual.

2. Constituem o fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pela imitação, e que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam ou à renovação e conservação do patrimônio científico e artístico humano ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica.

3. São também reconhecidas como idôneas as observações levadas a efeito sobre a realidade folclórica, sem o fundamento tradicional, bastando que sejam respeitadas as características de fato de aceitação coletiva, anônimo ou não, e essencialmente popular.

4. Em face da natureza cultural das pesquisas folclóricas, exigindo que os fatos culturais sejam analisados mediante métodos próprios, aconselha-se, de preferência, o emprego dos métodos históricos e culturalistas no exame e análise do Folclore."

É talvez a mais larga definição que se pode fazer de Folclore e, no tocante ao seu terreno, já manifestei minhas reservas relativamente a limitações que faço a abranger ele toda a cultura popular, espiritual e material. Já me referi aos que o consideram apenas como estudo da cultura espiritual e mesmo da literatura oral apenas. Aliás, grandes folcloristas adotam o ponto de vista da *Carta*, como Paul Sébillot e Saintyves, na França, ou a Folklore Society, de Londres. Os russos, os finlandeses, os portugueses e os americanos, em geral, limitam o campo do Folclore ao fato espiritual. Essa a opinião também de Franz Boas e de Melville Herskovits. Artur Ramos segue a orientação americana.

O segundo característico apresentado por esse documento é o caráter popular. No tocante ao assunto, nova divergência se estabelece entre os que, seguindo a orientação de Saintyves, como, por exemplo, Edison Carneiro, Joaquim Ribeiro e Rossini Tavares de Lima, só en-

contram o folclore nos meios populares dos países civilizados, e os que também o encontram nas sociedades ágrafas, nos primitivos em geral. Parece-me que a ideia de Saintyves vem do fato de o Folclore ter sido, de início, uma ciência européia, onde o problema dos primitivos não se apresentava. Foram os americanos que incluíram no conceito de Folclore o *lore* dos índios e o dos negros. E é irrecusável. Uma ciência não se caracteriza pelos portadores de seus fatos, senão pela mentalidade com que os criam e conservam.

Por que estudaremos os mitos, lendas, estórias das camadas populares e as recusaremos quando dos primitivos? Por que as lendas amazônicas não serão folclóricas, por que não o serão os bonecos Carajá? Por que um canto indígena, muitas vezes em tudo semelhante a outro popular, não será folclórico? Por acaso, Stith Thompson não estudou um canto de índios americanos — *The Star Husband* — dentro dos mesmos princípios normativos da Escola Finlandesa? Por que tipos míticos, como o Caipora, é folclórico quando na boca do povo e não quando na de seus criadores, os índios? O processo fundamental é idêntico no primitivo e no civilizado e encontramos exatamente iguais gêneros de atividades sociais básicas, em todos os grupos. A questão de *stratus* social não condiciona o fato folclórico, desde que a mentalidade se mantém a mesma, as finalidades idênticas. Assim, não posso justificar essa limitação, que me parece absurda e incongruente. Talvez até entre os primitivos tenha o fato folclórico vida mais intensa. Frobenius conta que entre os baluba, no Congo, encontrou estórias e fábulas semelhantes às nossas, o que causou admiração aos nativos, que observaram, contudo, que as civilizadas se referem a coisas passadas: diz que foi um dia... são ossos, portanto, enquanto as deles eram atuais, carne viva. Distingue o fato folclórico a mentalidade que o cria e conserva.

É preciso aduzir ainda uma consideração sobre o sentido de povo, que deve ser tomado no de *vulgus*, de *folk*, o que podemos denominar de gente do povo, isto é, as camadas cultural, social e economicamente inferiores da sociedade. Não se deve confundir o fato folclórico com o popular. Por exemplo, não é folclórico um samba de carnaval ou uma poesia de autor, como Catulo da Paixão Cearense.

No tocante ao anonimato, há a considerar que o fato folclórico despersonaliza o autor, porque aceito e modificado pela coletividade, passa a ser uma obra do povo. Porque duas origens tem o fato folclórico: ou é uma criação de alguém, que foi aceita e tornada de todos, ou é um fato erudito, que desceu às camadas populares, onde se folclorizou. Para isso é necessária a aceitação coletiva, quer dizer, que o fato se torne da comunidade, que o modifica, o altera e varia ao seu bel-prazer. Porque o fato folclórico não se mantém estável, conserva-se em perpétuo vir-a-ser e daí a importância das variantes.

São essas alterações que sofrem, no tempo e no espaço. Muitos contos são conhecidos universalmente, e o da *Gata Borralheira* tem mais de quinhentas variantes registradas. Essa fluidez é o que o caracteriza. Tudo tem um autor, é claro. Este será desconhecido ou conhecido pelos eruditos, mas o povo ouviu aquilo sem saber de onde vem e pelo se apropriou e o variou, e fez coisa sua.

A *Carta* recusou o preconceito de tradicional. Nesse ponto, quis referir-se ao tradicional no sentido histórico, como coisa do passado, o que é um erro, pois tradicional é o que se transmite vivo e assim se conserva. Costumo dizer que o tradicional é o estilo do folclore. Para que um fato seja tradicional, observou com acerto Jorge Dias, “não é necessário que ele venha do passado, pode ser uma inovação introduzida pela difusão ou criado dentro da própria cultura”. Os fatos do folclore nascente esclarecem devidamente o assunto.

A *Carta do Folclore Brasileiro* não cometeu uma heresia quando considerou idôneas as manifestações folclóricas sem o caráter tradicional. O que é inaceitável é a definição de Haddon que faz do Folclore a ciência das sobrevivências, por mais que nele permaneçam sobrevivências.

No tocante à oralidade, chamando-se assim ao fato de o folclore se transmitir por imitação ou de boca em boca, é irrecusável, porque nem o povo nem o primitivo têm outros meios de transmissão. Uma exceção se pode fazer para a literatura de cordel, mas esta, de certo modo, não exclui a oralidade, porque os folhetos em questão são muitas vezes lidos por alguns e divulgados oralmente pelos que os ouviram.

Por fim, a funcionalidade. O povo não conhece o ato gratuito. Tudo o que faz tem um destino, preenche uma função. Pode acontecer, e comumente acontece, que essa função já se haja diluído em sua memória, ou que a função primitiva se tenha perdido e uma outra se tenha tornado motivação do fato. Os ciclos folclóricos de Natal e São João correspondem aos solstícios de inverno e verão na Europa, períodos de ritos de fecundação, que motivaram muitos fenômenos folclóricos. Com o Cristianismo, essas manifestações foram reinterpretadas, passaram a ser os tempos de celebração de Natal e São João, e assim permanecem. As fogueiras de São João rememoram o ritual do fogo, para fecundação dos campos; uma lenda religiosa recorda a fogueira que Santa Isabel mandou fazer para avisar Nossa Senhora que São João nascera. O folclore revela o modo de ser, a mentalidade de um grupo primitivo ou popular, exatamente pelas funções que cumpre.

Como definir o Folclore? Inúmeras são as definições. Paul Sébillot definiu-o: “uma espécie de enciclopédia das tradições, crenças, costumes das classes populares ou de nações pouco avançadas”. Sain-

tyves: "ciência de cultura tradicional dos meios populares dos países civilizados". Franz Boas: "um aspecto da Etnologia que estuda a literatura tradicional dos povos de qualquer cultura". Artur Ramos: "divisão da Antropologia Cultural que estuda aqueles aspectos da cultura de qualquer povo, que dizem respeito à literatura tradicional: mitos, cantos, fábulas, adivinhas, música e poesia, provérbios, sabedoria tradicional e anônima".

Rossini Tavares de Lima o define como "ciência sócio-antropológica, que é o estudo empírico-indutivo e sistemático da cultura, caracterizada pela espontaneidade e o poder de motivação, a qual decorre da experiência peculiar de vida de qualquer coletividade humana, integrada numa sociedade, chamada "civilizada" ou histórica, em que se encontram ao menos duas formas distintas de expressão: uma erudita e outra verdadeiramente popular, a folclórica." Câmara Cascudo: "ciência de psicologia coletiva, observada através de pesquisas a todas as manifestações espirituais, materiais e culturais do povo". Oswald Cabral: "um ramo de Antropologia, que estuda todas as manifestações e aplicações coletivas da cultura vulgar, mantidas geralmente pela tradição, paralelamente às oriundas do saber erudito, entre grupos de cultura superior, quaisquer que sejam as modalidades sob as quais se apresentem".

E, por fim, eu mesmo o defino: "conjunto das manifestações não institucionalizadas da vida espiritual e das formas de cultura material dela decorrentes ou a ela associadas, nos povos primitivos e nas classes populares das sociedades civilizadas".

Através dessas definições, umas poucas entre dezenas, podemos sentir como a conceituação de Folclore oferece margem de divergências e controvérsias.

### DINÂMICA DO FATO FOLCLÓRICO

As manifestações folclóricas, via de regra, são imemoriais e se mantêm tradicionalmente, correspondentes nos vários pontos do mundo e entre as mais diferentes culturas. Isso, contudo, não quer dizer que não surjam elas no correr do tempo e, como todo fato vivo, não nasçam, existam e desapareçam.

A criação folclórica ou se faz ao meio da comunidade *folk* ou é de origem erudita que, vindo a circular entre o povo, este a aceita, a adapta, em suma, a faz coisa sua. Temos, pois, como viu Hans Naumann, valores persistentes de cultura primitiva e valores culturais abaixados. Há contudo o que, como o francês Joseph Bédier, acham que todo o folclore é degradação de cultura erudita, entendendo que o povo tem memória e não imaginação. No Brasil, Gustavo Barroso seguia essa teoria, que me parece inaceitável, pois, as manifestações pró-

prias de cultura, como poesia e técnica, as possuem os povos de índices mais baixos. Como negar essa capacidade à gente do povo?

O que caracteriza o fato folclórico é a aceitação coletiva. Seja ele a criação de uma pessoa da coletividade, seja alguma coisa descida das capas eruditas, é de aceitação coletiva. É preciso que todos aceitem, que tornem sua, que a refundam como entenderem e continuamente, em suma, que considere cada qual como obra sua e obra de todos. Essa reelaboração constante do que o povo aceitou coletivamente, seja obra de um deles, seja o erudito abaixado, é o que se chama *folclorização*. O povo não tem conhecimento de uma forma fixa ou standard de muitos de seus textos correntes.

A explicação de como se propaga o folclore é a mesma que serve para nos dizer como se propaga a cultura. De passagem, lembro as várias escolas, evolucionistas, difusionistas, a Escola Histórico-cultural, a Ologênese e o Funcionalismo, em cujas doutrinas não insisto por serem preferencialmente da área da Antropologia. Em Folclore, notamos, ao meu ver, que nem se pode abandonar a *Elementargedanken*, de Bastian, que consagra o princípio das idéias fundamentais em todo o mundo, nem a difusão, pela qual de focos dados partem caminhos de cultura, recusando porém os que postulam a existência de um só foco, como fazem os partidários da difusão vinda apenas de arianos, egípcios, babilônios, etc., nem a Escola Histórico-cultural, segundo a qual de vários centros difundiram-se os complexos culturais (*Kulturkrais*) e produziram culturas posteriores. A importância dessa escola no estudo dos contos, consoante a doutrina dos mestres finlandeses, foi considerável, ainda que considere o folclore um campo da Historiografia. Mas, emprestando grande relevo às relações entre o homem e o meio físico, estabeleceu uma interação entre esses elementos, a que Ratzel deu a maior ênfase, favorecendo assim a exegese folclórica. O princípio do grande sistematizador da Escola, Fritz Graebner, da proveniência de fatos culturais, similares em relação à sua simplicidade, de diversos lugares e ensejos, enquanto os complexos e mais semelhantes devem ter sido resultado de numerosos empréstimos, é cheio de fecundas sugestões para a análise dos fatos folclóricos e de suas variantes. Herskovits mostra como o estudo dos contos folclóricos comprovam o princípio dos contatos históricos dos povos ágrafos. E diz: "recordar-se-á que uma estória se compõe de elementos variáveis independentes, os caracteres, os incidentes e a intriga, dos quais cada qual se pode transmitir separadamente". E citando um conto complicado, o faz como prova de ter sido objeto de larga difusão e não produto de desenvolvimento em cada local onde foi contado.

Franz Boas definiu a cultura como "força dinâmica, transformadora, para ser compreendida unicamente se reconhecida como manifestação da vida mental do homem". Com um certo ecletismo sele-

os ciclos costeiros, de penetração e de mineração, e distribuiu, sob a mesma orientação, o material folclórico dos bandeirantes. Lindolfo Gomes, nos *Contos Populares Brasileiros*, esboçou, como diz, essa classificação, embora em forma restrita. Diégues Júnior a aplicou ao folclore nordestino, Théo Brandão ao alagoano, subdividindo os ciclos em subciclos, e Dante de Laytano às lendas gaúchas. A classificação de contos de Câmara Cascudo não atende a ciclos, mas a motivos. Aliás, o critério de ciclos, nessas classificações, não é uniforme.

No domínio do conto, as áreas foram estabelecidas na base de semelhança de estilo e função. Assim as de Stith Thompson e Herskovits. Mas, não só no Brasil, senão em todo o mundo, uma determinação de áreas folclóricas me parece extremamente difícil, não só relativamente à complexidade folclórica, mas a um próprio fato, como o conto, o romance, o provérbio.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Renato — *Vivência e projeção do folclore*. Rio de Janeiro, Liv. Agir Ed., 1971  
— *A inteligência do folclore*. Rio de Janeiro, Comp. Ed. Americana/MEC, 1974
- BARROSO, Gustavo — *Ao som da viola*. Rio de Janeiro, Liv. Ed. Leite Ribeiro, 1921
- BÉDIER, Joseph — *Les légendes épiques*. Paris, 1929  
— *La chanson de Roland*. Paris, 1932
- BOAS, Franz — *Race, language and culture*. N. York, 1940  
— *The mind of primitive man*. 1944
- BRANDÃO, Théo — *Folclore de Alagoas*. Macció, Of. Gráf. da Casa Ramalho, 1949
- CABRAL, Oswaldo R. — *Cultura e Folclore*. Florianópolis, Ed. da Comissão Catarinense de Folclore, 1954
- CARNEIRO, Edison — *A sabedoria popular*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1957  
— *Dinâmica do folclore*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1965
- CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO — *Congresso Brasileiro de Folclore, 1.º Anais*. Rio de Janeiro, Serviço de Publicações do MRE, 1952-1953
- CASCUDO, Luís da Câmara — *Literatura Oral*. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio Ed., 1952  
— *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1962

- CORSO, Raffaele — *Folklore*. Roma, 1923  
 — *A utilidade de uma coordenação dos diversos pontos de vista concernentes ao domínio do conceito do Folclore*. Relatório apresentado a III Reunião da CIAP, de 1/5-X-1947 (CIAP, 306-47)
- DIAS, Jorge — *Características do fato folclórico*. Comunicação ao Congresso Internacional de Folclore de São Paulo. (IBECC/ /CNF/Doc. 306 de 1.2.1955)
- FREUD, Sigmund — *Introduction à la psychanalyse*. (trad. francesa). Paris, 1925  
 — *Cinq leçons sur la psychanalyse*. (trad. francesa). Paris, 1926
- FREYRE, Gilberto — *Mesa-redonda sobre Folclore*. In *Semana Folclórica*. Rio de Janeiro, Comissão Nacional de Folclore, do IBECC, s.d.
- GOMES, Lindolfo — *Contos populares brasileiros*. São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1948
- HERKOVITS, Melville J. — *Man and his Works*. N. York, 1948
- LANG, Andrew — *Mythes, cultes et religions*. Paris, 1896 — *Custom and myth*. Londres, 1901
- LAYTANO, Dante — *Lendas do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro, Comissão Nacional de Folclore, 1956
- LIMA, Rossini Tavares de — *Abecê do folclore*. São Paulo, Ricordi, 1968
- MARINUS, Albert — *Ethnographie, folklore et archeologie en Russie Soviétique*. Separata do *Bulletin de la Société Royale Belge d'Anthropologie et de Préhistoire*. Tomo XLIX  
 — *Réflexions d'un folkloriste*, in *Le Folklore Brabançon*. 21<sup>o</sup> an. 121-24
- MAUSS, Marcel — *Sociologie et Anthropologie*. Paris, 1950
- RAMOS, Artur — *Estudos de folk-lore*. Rio de Janeiro, Ed. Casa do Estudante do Brasil, 1952  
 — *Introdução à Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1943-1947
- RIBEIRO, João — *O Folclore*. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1969
- RIBEIRO, Joaquim — *Folklore brasileiro*. Rio de Janeiro, Ed. Zélio Valverde, 1944  
 — *Introdução ao estudo do folk-lore brasileiro*. Rio de Janeiro, Ed. Alba, s/d
- SAINTYVES, Paul — *Manuel de folklore*. Paris, 1936
- SÉBILLOT, Paul — *Le folklore*. Paris, 1913
- THOMPSON, Stith — *Advances in folklore studies*, in *Anthropology today*. Chicago, 1953  
 — *Four symposia on folklore*. Indiana University, Bloomington, 1953
- VAN GENNEP, Arnold — *La formation des légendes*. Paris, 1917  
 — *Manuel de folklore français contemporain*. Paris, 1958  
 — *O folclore*. Bahia, Ed. Progresso, sd.
- WUNDT, W. — *Elementos de psicologia de los pueblos*, trad. esp. Madrid, 1926

## A PALAVRA FOLK-LORE

Texto da Carta do arqueólogo inglês William John Thoms publicada em *The Atheneum*, de Londres, n.º 982, de 22 de agosto de 1846, sob o pseudônimo de Ambrose Merton, na qual propõe a palavra "Folk-Lore", empregada então pela primeira vez, para designar as "Antiguidades Populares".

"As suas páginas mostraram amiúde o interesse que toma por tudo quanto chamamos, na Inglaterra "Antiguidades Populares" "Literatura Popular", (embora seja mais precisamente, um saber popular do que uma literatura e poderia ser com mais propriedade designado com uma boa palavra anglo-saxônica, Folk-Lore, o saber tradicional do povo), que não perdi a esperança de conseguir a sua colaboração na tarefa de recolher as poucas espigas que ainda restem espalhadas no campo no qual os nossos antepassados poderiam ter obtido uma boa colheita.

Quem quer que tenha estudado os usos, costumes, cerimônias, crenças, romances, refrãos, superstições, etc. dos tempos antigos deve ter chegado a duas conclusões: a primeira, quanto existe de curioso e de interessante nesses assuntos, agora inteiramente perdidos; a segunda, quanto se poderia ainda salvar, com esforços oportunos, o que Hone procurou fazer com seu "Every-Day Book", etc., o *Atheneum*, com sua larga circulação, pode conseguir com eficácia dez vezes maior — reunir um número infinito de fatos minuciosos, que ilustram a matéria mencionada, que vivem esparsos na memória dos seus milhares de leitores, e conservá-los em suas páginas até que surja um James Grimm e preste à Mitologia das Ilhas Britânicas o bom serviço que o

profundo tradicionalista e filólogo prestou à Mitologia da Alemanha. Este século dificilmente terá produzido livro mais notável ainda que imfeito como seu próprio autor confessa na segunda edição de *Deutsche Mythologie*: e que é isso? — Uma soma de pequenos fatos, muitos dos quais, tomados separadamente, parecem triviais e insignificantes — mas, quando considerados em conjunto dentro do sistema no qual os entrelaçou sua grande mentalidade, adquirem então um valor, que jamais souhou atribuir-lhes o que primeiro os recolheu.

Quantos fatos semelhantes uma só palavra sua evocaria, do Norte e do Sul, de John O'Grot à Ponta da Terra! Quantos leitores ficariam contentes em manifestar-lhe seu reconhecimento pelas notícias que lhes transmite todas as semanas, enviando algumas recordações dos tempos antigos, uma lembrança de qualquer uso atualmente esquecido, de alguma lenda em desaparecimento, de alguma tradição regional, de algum fragmento de Balada!

Tal serviço não seria apenas para o tradicionalista inglês. A conexão entre o folk-lore da Inglaterra (lembre-se de que reclamo a honra de haver introduzido a denominação Folk-Lore, como Disraeli introduziu Father-Land, na literatura deste País) e o da Alemanha é tão íntima que essas comunicações servirão provavelmente para enriquecer uma futura edição da Mitologia de Grimm. Deixe-me dar-lhe um exemplo dessas relações: Num dos capítulos de Grimm, que trata largamente do papel do Cuco na Mitologia Popular — do caráter profético que lhe deu a voz do povo: cita muitos casos de derivarem predições do número de vezes que seu canto é ouvido. E menciona também uma versão popular "Que o Cuco só canta depois de se ter fartado, três vezes, de cerejas". Agora, fui recentemente informado de um costume que existia outrora na Yorkshire, que ilustra o fato da conexão entre o Cuco e as cerejas e a outra, também, de seus atributos proféticos. Um amigo me comunicou que crianças em Yorkshire estavam acostumadas antigamente (e talvez ainda estejam) a cantar uma roda em torno da cerejeira com a seguinte invocação:

*Cuco, Cerejeira,  
Venham cá e nos digam  
Quantos anos nós teremos de vida.*

Cada menino sacudia a árvore — e o número de cerejas derrubado indicava o número de anos de vida futura.

Eu sei que o verso infantil que citei se conhece bem; a maneira, porém, de aplicá-lo não foi anotada por Hone, Brande ou Ellis: — E é um desses fatos que, insignificantes em si mesmos, têm grande importância quando formam elo de uma grande cadeia e um desses fatos que uma palavra do *Athenaeum* recolheria em abundância para uso de futuros investigadores no interessante ramo das antiguidades literárias — nosso Folk-Lore. — AMBROSE MERTON".